

**A VIDA DAS CRIATURAS INFAMES:
O GRAU ZERO DA NATUREZA**

**LA VIDA DE LAS CRIATURAS INFAMES:
EL GRADO CERO DE LA NATURALEZA**

**LIFE OF INFAMOUS CREATURES:
THE ZERO DEGREE OF NATURE**

Enviado: 30.05.2024

Aceptado: 8.10.24

Thiago Ranniery

Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ) e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da mesma instituição (PPGE/UFRJ). Diretor do Laboratório de Estudos Queer em Educação (LEQUE/UFRJ).

Email: t.ranniery@gmail.com

A vida das criaturas infames. O grau zero da natureza

Thiago Ranniery

Composto por oito partes tão independentes quanto conectadas, este ensaio reúne fragmentos extraídos de escritos de Michel Foucault, incluindo um livro deveras conhecido, *As palavras e as coisas*, mas também dois textos menores, em torno de um ponto muito circunscrito, a saber, uma surpreendente interpretação da biologia molecular presente em duas resenhas de livros de teorias da evolução que Foucault escreveu. Na contracorrente da maioria das exegeses acadêmicas, a biologia molecular não é tratada, aqui, como um saber para penetrar e governar a microfísica do tecido social em níveis jamais antes inimaginados. Ao contrário, genes, moléculas, ligações químicas, bactérias são mobilizadas como figuras exorbitantes e a meta decisiva da biologia molecular consiste precisamente em levar à cabo uma eliminação da matriz centrada no humano como modelo fundamente da história.

Palavras-chave: evolução, biologia molecular, biohistória, ontologia selvagem.

Compuesto por ocho partes tan independientes como conectadas entre sí, este ensayo reúne fragmentos extraídos de los escritos de Michel Foucault, entre ellos un libro muy conocido, *Las palabras y las cosas*, pero también dos textos más pequeños, en torno a un punto muy circunscrito: una sorprendente interpretación de la biología molecular presente en dos reseñas de libros sobre teorías de la evolución que escribió Foucault. Contrariamente a la mayoría de las exégesis académicas, la biología molecular no se trata aquí como un saber para penetrar y gobernar la microfísica del tejido social a niveles nunca antes imaginados. Por el contrario, los genes, las moléculas, los enlaces químicos y las bacterias se movilizan como figuras exorbitantes y el objetivo decisivo de la biología molecular consiste precisamente en llevar a cabo una eliminación de la matriz centrada en el ser humano como modelo fundamental de la historia.

Palabras clave: evolución, biología molecular, biohistoria, ontología salvaje.

Composed of eight parts that are as independent as they are interrelated, this essay brings together fragments from Michel Foucault's writings, including the famous book, *The Order of Things*, but also two smaller texts, around a very limited point, namely a surprising interpretation of molecular biology that is present in two book reviews of evolutionary theories that Foucault wrote. Contrary to most academic interpretations, molecular biology is not treated here as a knowledge that can penetrate and govern the microphysics of the social fabric at unprecedented levels. On the contrary, genes, molecules, chemical bonds, bacteria are mobilized as exorbitant figures, and the decisive goal of molecular biology is precisely to carry out an elimination of the human-centered matrix as the fundamental model of history.

Keywords: evolution; molecular biology; biohistory; wild ontology

Em certo ponto de sua conhecida digressão, Montaigne (2000) informa que completara 39 anos e 15 dias, que talvez esteja no meio do caminho de sua vida e que é impossível saber quantas formas de surpresa a morte guarda em sua manga: “Todos os dias caminham para a morte; o último chega a ela” (Montaigne, 2000, p. 141). Foi um pouco como aprendi lendo *Mausoléu*, o arquivo montado por Hans Magnus Enzensberger, (1976). Composto por 37 baladas, o poeta-ensaísta está interessado em captar a atmosfera – uma zona indistinta na qual vivos e mortos trocam mensagens truncadas – de memórias de além-tumba, resíduos de histórias que ficaram por contar. As peças do livro não são inteiramente criadas por Enzensberger. São retiradas, extraídas, recuperadas do interior da história do progresso; fragmentos coletados pelo autor a partir de um todo maciço, pretensamente homogêneo. A herança desta montagem deve, em grande parte, à noção de ruína de Walter Benjamin e ao seu monumental projeto inacabado de citações, *Passagens*. Porém, em um ensaio posterior, Enzensberger (1995) afirma que os artistas que se colocaram como tarefa a mobilização das ruínas não fizeram o suficiente: “a chamada *Trümmerliteratur* – a literatura das ruínas – não cumpriu exatamente o que prometia” (p. 74).

Inspirado neste exercício de coletar citações “para recolher ossos e pó dos túmulos” (Benjamin, 2006, p. 554), pretendo reunir fragmentos extraídos de escritos de Michel Foucault, incluindo um livro deveras conhecido, *As palavras e as coisas*, mas também dois textos menores, em torno de um ponto muito circunscrito, a saber, uma surpreendente interpretação da biologia molecular presente em duas resenhas de livros de teorias da evolução que Foucault escreveu. O primeiro foi publicado em 1970, ano que Foucault assumiu a cadeira no Collège de France, apenas um mês antes de começar o curso *A vontade de saber*, o segundo publicado em 1976, logo após ter terminado o curso *Em defesa da sociedade*. Na contracorrente da maioria das exegeses acadêmicas, incluindo aquelas sustentadas com Foucault, a biologia molecular não é tratada, aqui, como um saber para penetrar e governar a microfísica do tecido social em níveis jamais antes inimaginados. Ao contrário, genes, moléculas, ligações químicas, bactérias são mobilizadas como figuras exorbitantes e a meta decisiva da biologia molecular consiste precisamente em levar à cabo uma eliminação da matriz centrada no humano como modelo fundamente da história.

Considerável parte do que vou apresentar é nada mais do que um conjunto de notas de leitura, anedotas exageradamente pessoais, impressões diarísticas, efeito-Foucault (Rago, 1995), por assim dizer, desde quando um estudante de Biologia se viu às voltas com a leitura de Foucault; leitura que tem me levado a um constante e até mesmo compulsivo retorno. Em repetidas tentativas de

escrever sobre Foucault e as ciências biológicas, quase sempre sinto algum desconforto. Dado certo ar de obviedade do tema, fiquei surpreso com a minha dificuldade de falar sobre esse assunto. Comecei a desconfiar que uma abordagem na qual a inovação biotecnológica penetra globalmente na vida das pessoas avança muito rápido para uma paisagem unilinear e inevitável e oblitera às vidas das criaturas infames “na própria forma segundo a qual as expulsaram do mundo” (Foucault, 2015a, p. 206).

Vidas que são como se não tivessem existido, vidas que só sobrevivem do choque com um poder que não quis senão aniquilá-las, ou pelo menos apagá-las, vidas que só nos retornam pelo efeito de múltiplos acasos. [...] . Assim é a infâmia estrita, aquela que, não sendo misturada nem de escândalo ambíguo nem de uma surda admiração, não compõe com nenhuma espécie de glória. (Foucault, 2015a, p. 206)

1. Quatro epígrafes

Tenho em minhas mãos um título, intelectualmente sequestrado, impossível de passar despercebido, do famoso ensaio *A vida dos homens infames*. Confesso, entretanto, que vou dar uma pequena volta e realizar uma digressão para explicitar a rasura. Vou apresentar, de partida, quatro citações que arrolei inicialmente como epígrafes. Como eram muitas, seu conjunto me forçou a criar uma sessão própria. A primeira é uma pergunta contida no conhecido texto de 1969, *O que é um autor*, quando Foucault (2001a) dispara: “Dentre os milhões de traços deixados por alguém após sua morte, como se pode definir uma obra?” (p. 275). A outra é um trecho conhecido de uma conversa com Werner Schroeter, em 1982, quando Foucault (2016a) comenta os estados da paixão:

É um estado, é alguma coisa que lhe cai em cima, se apodera de você, o agarra pelos ombros, não conhece pausa, não tem origem. Na verdade, não se sabe de onde vem. A paixão chega assim. É um estado sempre móvel, porém, não ruma para um ponto dado. Há momentos fortes e momentos fracos, momentos levados à incandescência. Flutua. Balança. É uma espécie de instante instável que se prossegue por razões obscuras, talvez por inércia. No limite, busca manter-se e desaparecer. A paixão se dá todas as condições para continuar e, ao mesmo tempo, destrói-se a si mesma. Na paixão, não se é cego. Simplesmente, nestas situações de paixão, nós não somos nós mesmos. Não tem mais sentido ser si mesmo. Vemos as coisas completamente diferentes (pp. 102-103).

Essas são as duas epígrafes que repito para mim quando penso como leio Foucault, o quanto me provocou. Quanto as outras duas, uma delas, ao meu ver, é incontornável e resume, de certa maneira, o trabalho com o saber. É um trecho particularmente cortante de uma entrevista de 1966 a Claude Bonnefoy intitulada *O homem está morto?* A certa altura da conversa, Foucault (2016b) diz:

A vida das criaturas infames. O grau zero da natureza

Thiago Ranniery

É menos sedutor falar do saber e de seus isomorfismos do que da existência e de seu destino, menos consolador falar das relações entre saber e o não saber do que falar da reconciliação do homem com ele mesmo numa iluminação total. Mas, depois de tudo, o papel da filosofia não é forçosamente o de adocicar a existência dos homens e prometer-lhes algo como uma felicidade. (p. 154).

A quarta é a resposta que gosto de dar quando me perguntam qual é afinal a importância de Foucault em meu trabalho sobre gênero, sexualidade e ciências, perturbado por uma afirmação dele na mesma entrevista: “[...] se falamos tanto de barbárie contemporânea é pelo fato de as máquinas, ou de algumas instituições, nos parecerem não humanas” (Foucault, 2016b, p. 154). Se Foucault disse tão pouco sobre as questões chamadas de ecológicas e ambientais, menos ainda sobre as criaturas mais-que-humanas, talvez, mais como consequência, enquanto seu trabalho é apreciado em vários lugares da teoria social e política contemporânea, o seu impacto ainda estaria para ser apreciado e longe do que se poderia esperar dentro deste emergente campo de estudos? Minha última epígrafe acolhe sem responder plenamente esta questão. Trata-se de uma frase atribuída a Bob Dylan quando perguntado sobre o que significavam as suas músicas e aquelas letras gigantescas. Na tirinha para a revista *Doonesbury*, de autoria do quadrinista Gary Trudeau, há uma conversa telefônica entre o então presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter, e Dylan. A voz de Dylan aparece apenas em off enquanto Carter o descreve com a autêntica voz americana. Dylan responde: *eu só queria rimar, cara!*¹

Cheguei não sei bem o porquê nessa tirinha depois de ler sobre a viagem de Foucault ao Vale da Morte na Califórnia nas memórias de Simon Wade (2019). Em conjunto, essas epígrafes se centram na paixão de trabalhar com Foucault – como descreveu Rosa Bueno Fischer (2012) –, mas um pouco como ele próprio compara a experiência alucinatória no Vale da Morte com fazer sexo com um estranho. “O contacto com um corpo estranho proporciona uma experiência da verdade do que estou a viver” (Wade, 2019, p. 55), declara Foucault a um Wade apaixonado. Essas epígrafes dizem, sobretudo, de uma forma de passividade que se converte em exigência, abrindo um caminho sinuoso sobre aprender como e entre amigos, sobre quem e como eles nos conduzem ao que somos, sobre quem e como eles descobriram os signos aos quais somos sensíveis; deixam no ar a pergunta sobre quais os signos de uma obra levam alguém a trabalhar com ela. *Não dá mais para segurar, explode coração* – termina a música de Gonzaguinha na voz de Maria Bethânia que tocava no MP3 quando li Foucault pela primeira vez.

¹ A tirinha pode ser encontrada na versão desta história contada pelo jornalista Paul Hebert (2024) para a revista *Doonesbury*.

2. Eu sou, eu sou, eu sou o temor da cabeça aos pés²

Por toda essa paixão, temi mais de uma vez em dar andamento a este ensaio. Não sou filósofo, não sou antropólogo, não sou historiador. Sou no máximo um operador do signo, como penso que todo professor seja – e devo dizer, logo, um professor de ciências e biologia que, na sua graduação, foi obrigado a ler *As palavras e as coisas*. Digo “obrigado” porque o texto, apresentado como aquele no qual Foucault traça as condições de possibilidade da transformação epistemológica da História Natural em Biologia e localiza a posição de Cuvier nesta história, estava entre as leituras obrigatórias da disciplina *Metodologia Científica* para o curso de Ciências Biológicas. Em debate posterior sobre a obra, Foucault (2015b) declara: “Chamo de filosofia humanista, [...] qualquer filosofia que pensa que a sexualidade é feita para amar e proliferar” (p. 238). Admirei a beleza daquele livro, mas, confesso, fiquei tonto. A cabeça doeu por vários dias. Estava no primeiro período do curso de licenciatura, tinha apenas 16 anos. Era jovem, e embora isto não seja uma desculpa, o fato é que não entendi muita coisa. Algo absolutamente misterioso havia, contudo, me atraído de uma vez por todas, como se estivesse profundamente tocado, revirado – seria isto aquilo que Foucault (2001b) chamou de “imobilidade deslumbrada” (p. 236) com a qual as sereias tocam aqueles que as escutam, ao comentar sedução pela obra de Maurice Blanchot, em *O pensamento exterior?*

Seja de que forma for, seria preciso colocar em perspectiva a minha leitura de Foucault: esta é uma leitura que nunca se viu exatamente compromissada com o estimado rigor conceitual, nunca foi propriamente sistemática. Tem sido, devo reconhecer, uma leitura errática, de quem foi abrindo os livros que foi adquirindo e os textos que foram me chegando a esmo, aceitando que as flechas disparadas caíram em algum lugar que não sabe muito bem qual é. É uma leitura mais intuitiva, para não dizer apressada, que descontextualiza sistematicamente formulações e ignora muito do contexto no qual foram articuladas. Leio Foucault andando em cima de uma corda bamba, dizendo mais do que sei, escrevendo no limite entre o saber e a ignorância. Enfim, não sou, nem no sentido qualitativo, nem no sentido quantitativo, um leitor estudioso de Foucault. Eu apenas me apaixonei por Foucault.

² Refrão alterado da música *Dê um rolê* de Moraes Moreira e Galvão de 1971 na voz de Gal Costa. Espero explicitar o motivo de ter alterado a palavra “amor” do verso original por “temor”.

3. Ler de novo, ler mais uma vez

A fora minha leitura indisciplinada, por que um súbito medo diante de reler *As palavras e as coisas?* - tomando de empréstimo o título do romance de Peter Handke (1988), *O medo do goleiro diante do pênalti*. Confessei a uma amiga meu interesse geral para este texto – Foucault e a biologia – e ela me perguntou: *você vai trabalhar com As palavras e as coisas?* Sem rodeios, respondi: *Claro não! Vou fazer outra coisa*. Certamente, aprendemos que a problematização da Biologia tem reconhecido papel de destaque na centralidade que a vida e as ciências da vida ocupam na filosofia política contemporânea e fez com Foucault explorasse conceitos como os de biopolítica e biopoder. A introdução desses conceitos, de certa forma, é herdeira dos exercícios em torno da biologia, nos quais Foucault debate as ideias de espécie, meio e população e introduz os temas da sexualidade, da morte e do indivíduo, como o fez em comunicação apresentada na Jornada Cuvier em maio de 1969 (Foucault, 2015b). Como ainda não lembrar da aula inaugural no Collège de France, em *A ordem do discurso* (Foucault, 2013a), em dezembro de 1970, na qual comenta aspectos do trabalho de Mendel? *Então, por que cargas d'água você está adiando tanto a escrita do texto?* - perguntou minha terapeuta, com seu jeito delicado e ironia amigável, prevendo que empurraria a tarefa e escrevia este ensaio de forma assoberbada nos últimos dias de prazo. E ela continuou, enquanto me apontava um exemplar de *As palavras e as coisas* na estante do consultório: *mas o que tem neste livro que você não quer ler de novo?*

Ler de novo... escrito, assim, com reticências, ler mais uma vez. Talvez, o medo viesse daí: reler, ler novo, ler mais uma vez, ler não para que pudesse realizar uma higiene conceitual. É que ler de novo era toda uma outra coisa, ler de novo abria toda uma outra coisa. Não queria ratificar conceitualmente ou preencher o que já mais ou menos sabia sobre a Foucault e a constituição das ciências biológicas. Quer dizer, o sistema de classificação biológica dentro de uma abordagem comum à episteme moderna, presente também na linguística e na economia, pertencendo todas a um mesmo evento arqueológico. Esta tarefa já foi realizada com muito mais propriedade do que poderia fazer – como os ensaios de Vera Portocarrero (2009) em *As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault*. Ler outra vez me apavorava porque intuitivamente sentia que a leitura de *As palavras e as coisas* abria algo que não aconteceu, uma história que não tinha se contado. A cada palavra que colocava neste ensaio, não conseguia me desvencilhar do livro, como se a obra tivesse estendido um grande tecido emaranhado em minha pele, e suas palavras não fossem mais do que um entremeado de fios úmidos que roçam no meu rosto como a baba de um pequeno animal desconhecido, a de um cachorro, talvez.

4. Caixa de ressonâncias

Fui inicialmente formado como biólogo marinho. Minha área de especialização era ecologia trófica e biologia reprodutiva de peixes do litoral do estado de Sergipe, Nordeste do Brasil. Embora os dias de trabalho de campo, navegando em mares e rios, tenham sido muito sedutores, o que mais me interessou foram as questões do laboratório de ictiologia que minha orientadora chamou de conceituais. Quando, contudo, atravessava os blocos que separavam o Departamento de Biologia da universidade para conversar com amigos historiadores, filósofos e sociólogos uma sensação me tomava: as descrições dos laboratórios de ciências me pareciam excessivamente descritas de fora ou externalistas, como aprendemos, uma vez, a chamar nos debates de história das ciências (Maia, 2013; Condé, 2017). O que se fazia dentro da caixa-preta, para usar a expressão popularizada por Bruno Latour (2001), era, sentia eu, chapado e homogêneo demais e a natureza era, de súbito, deixada para atrás. Porém, no famoso capítulo de abertura de *As palavras e as coisas*, quando Foucault (2007) escreveu, páginas e páginas sobre a representação, o visível e o invisível, as múltiplas perspectivas em torno do quadro *As meninas* de Diego Velázquez, foram duas breves menções ao cachorro que prenderam minha atenção ao ler a obra de novo.

Na primeira, Foucault (2007) nota como “a princesa mantém-se de pé no meio de uma cruz de Santo André, que gira em torno dela com o turbilhão dos cortesãos, damas de honra, animais e bufões” (p. 15). Logo antes de registrar que um grande X se forma no quadro, Foucault destaca que:

no ponto superior esquerdo estaria o olhar do pintor e, à direita, o do cortesão; na ponta inferior, do lado esquerdo, está o canto da tela representada de costas (mais exatamente, o pé do cavalete); do lado direito, o anão (com o calçado deposto sobre o dorso do cão). (p. 16).

Porque Foucault é Foucault cuja atenção aos detalhes é conhecida é que não consigo atribuir a quase invisibilidade do cão a alguma desatenção. É um problema de linguagem, diz Claire Hout (2016), ao especular dar um nome ao mastim de Luís XV, colocá-lo para conversar com Foucault e retomar a relação dos filósofos cínicos, vastamente lidos por Foucault, com os cães. Ainda que, diga-se de passagem, em um ensaio discreto, de 1973, Foucault (2013b) centre nos cães considerável parte de seu comentário sobre as pinturas de Rebeyrolle e a força do fugir, afirmando que a pintura “quando faz passar uma força que cria a história, ela é política” (p. 82). Não sem razão, Hout (2016) chama atenção para o capítulo *Os insensatos* de *História da Loucura* e como, a potência crítica da loucura

emerge do “perigo imaginado sob as espécies de uma liberdade animal” (Foucault, 2019a, p. 153). Foucault (2019a) continua:

O animal no homem [...] não funciona como um indício do além. [...] A animalidade que assola a loucura despoja o homem do que nele pode haver de humano, mas não para entregá-lo a outros poderes, apenas para estabelecê-lo no grau zero de sua própria natureza. (pp. 153-154)

Escolhi o subtítulo o “grau zero da natureza” porque foi relendo *História da Loucura*, que pude perceber o motivo de *As palavras e as coisas* ter me pegado de jeito, exatamente por Foucault (2007) argumentar que, num mundo pós-religioso, “[t]ransferindo sua mais secreta essência do vegetal ao animal, a vida abandona o espaço da ordem e volta a ser selvagem. Revela-se mortífera nesse mesmo movimento que a volta à morte. Mata porque vive. A natureza já não sabe ser boa” (p. 382). *A natureza já não sabe ser boa*. Fiquei anos com esta declaração me perturbando. Só convidado a reler, arrumei coragem para enfrentá-la. Nos amplos sobrevoos que marcam *As palavras e as coisas*, Foucault rastreia como a episteme moderna toma forma em torno de um núcleo de não-saber e de não-ser, que liberta tanto quanto enquadra. No capítulo onde está esta passagem, Foucault (2007) traça a história do pensamento sobre a natureza e mostra como um fragmento do antinatural pode ser encontrado em todas as histórias naturais.³ Expondo uma ruptura entre as narrativas do século XVIII de “uma gradação progressiva” (p. 378) e as noções do século XIX de “descontinuidade radical” (p. 379), Foucault (2007) propõe que, uma vez introduzida a historicidade na natureza, o conceito a “constitui como que um modo de ser fundamental” (p. 299) que se exprime “sob a forma da animalidade” (p. 381). O animal é aquela forma de ser que é “portadora [da] morte” (p. 382) e, como tal, “só pertence à natureza quando encerra em si um núcleo de contranatureza” (p. 382).

Esta peça central, uma versão que Foucault (2007) liga a Sade, abraça a sexualidade como morte, como potencial para o mal e como um modo de incorporação e conhecimento que é orientado ambivalentemente para o não-ser. Foucault (2007) dá um nome a esta ambivalência, “uma ontologia selvagem que buscasse dizer o ser e o não-ser indissociáveis de todos os seres” (p. 383), e sugere que, numa equação de reversibilidade da modernidade, a vida está sempre em

³ Ver os trabalhos histográficos de Zeb Tortorici (2018) sobre a bestialidade e a sexualidade na América Espanhola e de Joan Cadden (2017) sobre a circulação da sodomia nos mais de 100 manuscritos de *Problemata* de Aristóteles e outros textos correlatos na Europa Medieval. Embora muito diferentes, ambos os trabalhos realizam uma leitura à contrapelo do arquivo da sexualidade e mostram as fronteiras borradas entre natural e antinatural além dos limites legíveis da teologia, do Estado e da lei.

perigo de “volta[r] a ser selvagem” (p. 382). A expressão “voltar a ser” é sedutoramente ambígua: tanto a vida selvagem já passou, mas se pode retornar a ela, quanto a vida selvagem está sempre por vir. Que selvageria é essa que ameaça engolir a vida ou que acompanha o conhecimento da morte? E qual é o significado dessa ontologia selvagem que leva o corpo, como diz Foucault (2007), “para uma forma precária” (p. 383) e ameaça destruir-nos metafisicamente antes de encontrarmos o nosso fim inevitável? Se a vida excede as tentativas de conhecer e classificar, se escapa à ordem que se tenta impor-lhe, uma experiência de finitude vivida dentro dessa ontologia selvagem é, por sua vez, uma forma de ser que está, segundo Foucault (2007), “[d]o outro lado de todas as coisas” e até “aquém mesmo daquelas que podem ser” (p. 383). É uma desordem das coisas, nos termos de Jack Halberstam (2020), que emerge e toma a sua forma medonha nas sombras lançadas pelo próprio projeto que deseja e exige ordem em primeiro lugar.

5. Hello, it's me!

Fui também intelectualmente alimentado por um campo de estudos, a teoria queer, no qual a abertura promovida por Foucault levou a notar a proveniência muito recente de formas de desejo organizadas de acordo com a lógica homossexual-heterossexual (Halperin, 1990). Seguindo o primeiro volume do *História da Sexualidade*, não foram poucos aqueles e aquelas que afirmaram que o homossexual emergiu de uma nova lógica do corpo que via um personagem, uma figura, onde existia apenas um conjunto de comportamentos, como nos impressionantes trabalhos de Eve Sedgwick (1992) e David Halperin (1995). A classificação formal do homossexual não se limitou, entretanto, a desviar as vastas redes de desejo e atividade sexual que constituíam, e continuam a constituir os *selves* modernos, os agrupando ordenadamente nos flancos da orientação sexual. A compreensão dos corpos empreendidos pela sexologia moderna também resultou em outro domínio de desorganização,⁴ um conjunto de categorias remanescentes que parecem pitorescas e estranhas para nós, hoje.

O pântano de tais perversões - que incluem “zoófilos”, “zooerastas”, “automonossexualistas”, entre muitos outros, citados por Foucault (2012, p. 43) naquele primeiro volume do *História da Sexualidade* -, é varrido do mapa pela

⁴ Benjamin Kahan (2019) argumenta que concentramos esforços exagerados na epistemologia sexual a fim fornecer uma história da sexualidade e, ao fazê-lo, afirma o autor, ignoramos outras histórias, que não são facilmente localizáveis na virada decisiva para o personagem homossexual que Foucault narra. Kahan volta-se para a etiologia, ou para o exame das causas de certas orientações sexuais, para expor uma explosão de explicações múltiplas e contraditórias da sexualidade passou a existir simultaneamente.

força da especificação que desce sobre o campo dos “estranhos nomes de batismo” para nunca mais retornar. Estão no século XXI, mas as desorganizações do desejo e do sexo continuam a impactar o projeto de classificação sexual. O que fez Halberstam (2012; 2023) defender, mais de uma vez, que nos falta uma linguagem, um léxico para escrever as formas e registrar aqueles corpos e seres que se congregam ou se dispersam em torno dos limites de uma história da sexualidade que deu nomes e ordem ao caos, e ao fazê-lo não estaremos simplesmente localizando figuras subjugadas ou a celebrando uma situação impertinente e subversiva. Ao invés disso, eu me pergunto se não poderíamos estar engajados em formas desordenadas de escrever a história de seres e criaturas que estão além dos termos mais ou menos humanistas de suas épocas. Embora o nosso arco contemporâneo tenha se inclinado para o reconhecimento e a inteligibilidade, as criaturas infames tramam uma malha selvagem, têm um curso diferente através da história, aparecem apenas no limite da definição, oscilando dentro e fora do sentido, tendendo à perplexidade; perplexidade que tomou conta de Foucault.

A perplexidade, como uma forma desconhecimento e desorientação, não é uma declaração política, é o espaço afetivo proporcionado por a ausência de significado e direção. Esta desorientação tem sido central para a maioria dos investimentos teóricos queers no desejo e no sexo, mas, ainda assim, poucos trabalhos lidam com o que acontece quando a natureza não é mais o que era no domínio da sexualidade. Quando e por que deixamos a natureza para trás? Por que, como Preciado (2014) se pergunta, continuamos a “estudar e descrever o sexo como parte da história natural das sociedades humanas” (p. 23)? A nossa agora familiar narrativa sobre a história da sexualidade, movendo-se entre múltiplas modalidades do desejo e dos corpos pode, em última análise, ser repensada em termos das perversões que foram e vem sendo varridas para baixo do tapete mesmo dentro dos projetos de classificação da diversidade sexual e de gênero? – termos que falam de “ecologias de incorporação muito mais instáveis do que aquelas que temos subscrevido até em então” (Halberstam, 2020, p. 14)? O que está em jogo são figurações de modos de ser que fraturam o conhecimento especializado do Homem. Nos laboratórios de ciências, gosto de imaginar que Foucault escutou, assim, o verso da canção de Adele: *Hello, from the Other side/ olá, do outro lado [...] Olá, você pode me ouvir? Estou na Califórnia, sonhando sobre quem costumávamos ser [...] Eu esqueci como era antes do mundo cair aos nossos pés.*

6. Ovo

Com esse espírito cambaleante, me lancei a leitura. Qual não foi a minha surpresa, ao saltar de um dito e escrito para outro, encontrar uma resenha elogiosa de Foucault (2015c), chamada *Crescer e Multiplicar* sobre livro *A lógica da*

A vida das criaturas infames. O grau zero da natureza

Thiago Ranniery

vida: uma história da hereditariedade do biólogo molecular François Jacob, cuja revisão técnica da tradução brasileira é assinada por Roberto Machado. A “mais notável história da biologia que já foi escrita”, escreveu um Foucault (2015c, p. 272) entusiasmado com os motivos pelos quais a genética e a biologia molecular haviam solapado nossos fundamentos mais seguros e exigido pensar de outro modo “a vida, o tempo, o indivíduo, o acaso” (p. 268) ao introduzir conceitos como “a organização, o tempo, o gene e a molécula” (p. 268). História da biologia, insiste Foucault (2015c), e não apenas, como indica o subtítulo modesto, uma história da hereditariedade, pois exige pensar “o ser como o jogo calculável do acaso e da reprodução” (p. 272). O título da resenha brinca com a lei cristã, *crescei e multiplicai-vos*, para afirmar que a biologia molecular era o “novíssimo testamento” (p. 269) causando uma chaga: *multiplicai, multiplicai, multiplicai*. O motivo da ferida é mais atual do que nunca: não é somente descentrar humano, a biologia molecular “nos ensina que o descontínuo não somente nos delimita, mas nos atravessa: ela nos ensina que os dados nos governam” (p. 268).

Tudo isso me soou surpreendente e bastante diferente da genética que aparece, por exemplo, com Nikolas Rose (2013), cujo argumento se ancora no recuo ou arrefecimento do determinismo biológico de outrora para, ao traçar as coordenadas de um novo estilo de pensamento, descrever o diagrama de poder que incide diretamente sobre a entrada e reconfiguração da vitalidade na política em termos moleculares e somáticos. Mesmo na etnografia de Hallam Stevens (2013) sobre a transformação tecnológica dos laboratórios de biologia molecular, centrados, agora, em algoritmos, computadores e bancos de dados, este espaço aberto indeterminável se torna a plataforma descentrada de um governo molecularizado que faz e fabrica a vida. Susan McKinnon (2021) demonstrou ainda como esse novo discurso da genética é congruente ao discurso neoliberal, cuja associação sonha com progressivamente solapar a diferença e a contingência. O próprio Rose (2017) afirmou, contudo, que as mudanças nos estilos de pensamento das ciências da vida – se é que ainda faz sentido este termo –, abriam uma nova oportunidade para uma relação com ciências sociais.

De fato, conheci o trabalho de Jacob, pesquisador do Instituto Pasteur, em Paris, na notação quase anedótica que Gilles Deleuze e Félix Guattari fazem na introdução de *Mil Platôs*. Pouco antes de afirmarem que “o rizoma é uma antígenologia” (Deleuze e Guattari, 2011, p. 28), evocam o argumento de Jacob de que as transferências de material genético por intermédio de vírus e as fusões entre células têm resultados análogos àqueles dos “amores abomináveis apreciados na Antiguidade e na Idade Média” (Jacob, 1983, p. 290), os mesmos a que Foucault faz menção em *História da Loucura*. No início da década de 1960, Jacques Monod e François Jacob mapearam os intrincados processos de

autorregulação que determinam como os genes são expressos ou suprimidos. Juntos, se dedicaram ao conceito de sítios regulatórios de DNA de bactérias e vírus: células diferentes funcionam de maneiras diferentes em momentos diferentes e isso também é regulado por genes. No meio do caminho, especularam que, para a informação genética ser convertida durante a formação das proteínas, a tradução do DNA dependeria da existência um mensageiro, indicando a existência do que conhecemos como RNA mensageiro: “a intenção de uma *Psyché* foi substituída pela tradução de uma mensagem” (Jacob, 1983, p. 10). Escrevo “especularam” porque foi preciso uma série de experimentos mal sucedidos, conta Jacob (1988a), e somente após um outro colega, André Lwoff, entrar no circuito, e sugerir aumentar a quantidade de magnésio para os ribossomos não se desintegrarem durante os experimentos, que foi possível isolar a molécula de RNA mensageiro. Pelo trabalho, os três ganharam o prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1965.

O entusiasmo de Foucault tem suas razões. Publicado apenas um ano antes de *Arqueologia do Saber*, as ressonâncias com *A lógica da vida* são notáveis. Quando Jacob (1983) escreve a história da constituição da biologia molecular, afirma “uma época se caracteriza mais pela natureza das questões que coloca do que pela extensão dos seus conhecimentos” (p. 7). Em sua autobiografia, Jacob (1988b) falou ainda sobre as ciências do dia, aquele que apresenta descobertas em seminários e artigos, como uma progressão linear de observações científicas até a conclusão final: *voilà, habemus* conhecimento! Nela, não disfarçou sua preferência pelas ciências da noite, aquelas que apresentam como o processo de produção do conhecimento científico acontece, em uma profusão confusa, selvagem, intuitiva, questionadora, onde construímos e logo depois demolimos hipóteses esperançosas.

A ciência da noite é uma espécie de oficina do possível, onde o que será o material de construção da ciência é trabalhado [...], onde os fenômenos ainda são meros eventos solitários sem ligação entre eles [...], onde o pensamento faz o seu caminho ao longo de passagens sinuosas e vias tortuosas, na maioria das vezes levando a lugar nenhum. (Jacob, 1998, p. 123)

No laboratório, Jacob (1998) descreve uma série de experimentos batizados de nomes jocosos como a indução erótica do prófago ou o experimento *Pyjama*, escrito com “y”, expondo como o conhecimento é uma montagem de pequenas histórias desses experimentos que acontecem isoladamente, uma montagem de histórias mais ou menos fortuita, de acontecimentos independentes, de experimentos sem relação aparente entre si, que se cristalizam propiciando um evento, uma ruptura de pensamento, ou nos termos de Foucault (2015c), “uma grande reaprendizagem do pensamento” (p. 172) – um tipo de trabalho do

laboratórios de biologia molecular de incorporação e colagem de pequenos eventos que amplificados fez Paul Rabinow (1996) compará-lo ao que Lévi-Strauss (1989) chamou de bricolagem. Descrevendo os mecanismos de evolução de genes e bactérias, Jacob (1983) apela a expressão bricolagem molecular, transpondo-a para as práticas de duplicação e recombinação de elementos pré-existentes que formam mosaicos: “a mais modesta das bactérias já constitui uma coalização de um número enorme de moléculas” (Jacob, 1983, p. 304). Eis um ponto instigante de entrada: informações moleculares circulando a fim de ver como elas são amplificadas em formas políticas de vida em um jogo que já está em andamento. Este processo de amplificação e duplicação foi, para mim, o gatilho para a mudança entre escalas.⁵ Somos, nós, nossos corpos, a maquinaria das nossas células, agora, a nau dos insensatos.

Minha atenção foi, de um lado, atraída por Jacob descrevendo eloquentemente a caixa de ferramentas da vida como peças, que através da evolução, passam por arranjos e rearranjos, construindo circuitos reguladores genéticos complexos, em que o desvio e o fortuito não podem ser expurgados, resultando na miríade de formas de vida da Terra: “a história mais espantosa que se pode contar [...] Muito mais espantosa que qualquer romance policial ou ficção científica” (Jacob, 1983, p. 97). Seriam as bactérias intelectuais selvagens diante do poder? Espécies de *bricoleur* do mundo? Do outro lado, fui atraído por um Foucault (2015c) que, ao declarar “sim, o ovo é anterior à galinha” (p. 269), afirma com todas as letras:

a bactéria: uma máquina de reproduzir, que reproduz seu mecanismo de reprodução, um material de hereditariedade que infinitamente prolifera a si mesmo, uma pura repetição anterior à singularidade do indivíduo. No curso da evolução, o ser vivo foi uma máquina de reduplicação, bem antes de ser um organismo individual. (p. 269)

No Instituto Pasteur, Jacob (1998) conduziu experimentos sobre a *lise* de bactérias: os genes dos vírus governam a funções necessárias à multiplicação e formação de partículas infecciosas e que as bactérias lisogênicas tem a capacidade de serem imunes, incapazes de serem reinfectedas pelos mesmos vírus. Essas

⁵ Encontrei a mesma ideia na companhia Eduardo Kohn (2013), em *How to forest thinks*, onde as tensões entre as formas de vida são amplificadas pela vida dos sinais, ou em *Avian Reservoirs* quando Frederick Keck (2020) segue vírus e caçadores de vírus pelo globo. Transpondo conceitos-chave de caçadores-coletores para campos virológicos, expondo como o sacrifício e o animismo compreendem as práticas cotidianas de granjas avícolas voltadas para ler e decifrar os sinais gerados por animais a fim de gerenciar as incertezas onde as relações entre humanos e animais são instáveis.

bactérias contém toda a informação necessária para a produção de um genoma viral, sob a forma uma cópia em geral única, integrada ao cromossomo bacteriano. Sob certas condições físico-químicas, as bactérias podem disparar a produção do ciclo completo viral, sendo este evento letal. Esta descrição chega ser filosófica à sua maneira, a introdução de um outro viral, uma cópia de um estranho outro dentro de si mesma que, se aciona a imunidade, pode ser acionada de forma descontrolada, levando à morte. Mimeses queer? Imagine, mesmo que por um instante, substituir os termos filosóficos e psicanalíticos das famosas passagens dedicadas a paródia e a imitação em *Corpos que importam* de Judith Butler (2019) por nome de uma bactéria, um gene ou macromolécula. Na transcrição desses códigos, Foucault mostra que biologia molecular “localizou erros, esquecimentos, inversões como mancas de um escriba distraído” (Foucault, 2015c, p. 270). Esse texto esburaco do mundo, este texto trôpego, é escrito sob a forma tradutória de fragmentos, duplicados e amplificados, de comunicações moleculares, lidos pelas próprias reações, em meios físico-químicos aquecidos, cujo “acaso joga com o descontínuo” (Foucault, 2015c, p. 270). Não há leitor, nem sentido, só sentidos: “é inútil falar de uma linguagem, mesmo que fosse da natureza” (Foucault, 2015c, p. 272).

Jacob (1983) abre *A lógica da vida* com uma epígrafe de Diderot sobre o ovo. O que me veio à mente foi o enigmático conto *O ovo e a galinha* de Clarice Lispector (1999): “O ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe” (p. 52); “Por isso a galinha é o disfarce do ovo. Para que o ovo atravessasse os tempos a galinha existe” (p. 53). “Viver leva à morte. Então o que a galinha faz é estar permanentemente sobrevivendo. Sobreviver chama-se manter luta contra a vida que é mortal” (p. 54). “O meu mistério é que eu ser apenas um meio, e não um fim, tem me dado a mais maliciosa das liberdades” (p. 58). Com que Jacob (1983) concordaria, dizendo “um organismo é apenas uma transição, uma etapa entre o que foi e o que será” (p. 10).

7. A nuvem

Minha outra pequena história gira em torno de um texto ainda menor de Foucault. Trata-se de uma resenha da obra, sem tradução para o português, *De la biologie à la culture* (Da biologia à cultura), originalmente publicados em 1976, do geneticista e antropólogo Jacques Ruffié (1993a; 1993b),⁶ conhecido por ter construído o sistema de tipificação sanguínea. Por muito tempo, este pequeno texto de apenas três páginas me fez lembrar trechos da música *Nuvem passageira*

⁶ Pelo que pude localizar, a obra foi inicialmente lançada em volume único e depois dividida em dois volumes na segunda edição de 1993.

de Hermes de Aquino, de 1976, curiosamente do mesmo ano de publicação da resenha de Foucault. Cito alguns versos de memória: *Eu sou nuvem passeira/ Que com o vento se vai/ Eu sou como um cristal bonito/ Que se quebra quando cai/Sou um castelo de areia na beira do mar*. Versos que, mesmo sem querer, ressoam outra célebre citação de *As palavras e as coisas*, segundo a qual, na curva do século XVIII, “então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia” (Foucault, 2007, p. 535).

Na resenha, Foucault (2016c) usa explicitamente os argumentos de Ruffié (1993a, 1993b) sobre como a hematotipologia dissolve a ideia de raça e se desloca do indivíduo para a população a fim de problematizar uma escrita da história contra o racismo de estado e a biopolítica, algo que chamou de biohistória. Foucault (2016c) dispara: “É preciso conceber uma humanidade na qual não são as raças que se justapõem, mas as nuvens de populações que se entremeiam, emaranhando um patrimônio genético de tanto mais valor quanto mais acentuado for seu polimorfismo” (p. 400). Trata-se de uma recusa da “história unitária e mitológica da espécie humana através do tempo” (p. 400), que versões da teoria da evolução popularizaram nos livros didáticos, mas histórias de uma criatura biocultural, talvez, para falar com Samantha Frost (2016), melhor apresentadas através “da comunicação e do polimorfismo” (Foucault, 2016c, p. 401). Invocando o ecólogo Ernest Mayr, Foucault (2016c) afirma que “a humanidade é um pool de genes intercomunicantes: populações, quer dizer, conjuntos de variações, não cessam ali de se formar e se desfazer” (p. 40). Estranha fórmula: a humanidade é entremeio de populações, elas mesmas, mais-que-humanas. No solo da biologia molecular, se pode apostar que tudo que prometia o acabamento do humano se desvanece na nuvem de comunicação multivocal e troca perversa das moléculas e ligações bioquímicas. Pode Foucault revolucionar a escrita da história⁷ das criaturas infames da T/terra, exatamente, elas, as bactérias e seus aparentados menores?

Li essa resenha, imaginando várias situações. O que aconteceria, por exemplo, se reescrevemos o belo projeto de Mathew Chrulow e Dinesh Joseph Wadiwel (2016), intitulado *Foucault e os animais*, em termos de *Foucault e os microrganismos*? Se fracassei miseravelmente em localizar pistas de que Foucault teria lido Lynn Margulis, a formuladora da teoria da endossimbiose ou vice-versa, mesmo que livros como *O que é a vida?* e *O que é sexo?*, escritos em parceria com o filho, Dorion Sagan, estejam repletos de citações de filósofos, não seria forçoso especular o que teria acontecido se tivessem se cruzado na Califórnia. Em *O que é o sexo?*, Margulis e Sagan (2002a) criticam a centralidade do indivíduo

⁷ Referência ao ensaio de Paul Veyne (1982), *Foucault revoluciona a história?*

como conceito para pensar a evolução que não passaria de uma fantasia poderosa da promessa da felicidade capitalista estadunidense. Juntos, em um capítulo que conta com uma epígrafe de François Jacob, eles insistem que é preciso “recusa[r] o centro do palco aos seres humanos e outros mamíferos e não descarta[r] sumariamente os primeiros quatro bilhões de anos da história do nosso planeta” (Margulis e Sagan, 2002b, p. 73) quando se trata de contar a história da vida na Terra.

O sexo tal como conhecemos, afirmam Margulis e Sagan (2002a), o sexo copulatório, chegou tarde ao cenário evolutivo, resultado da entrega das bactérias, elas mesmas agregadas selvagens de moléculas, à reprodução. Trata-se, sobretudo, de um tropeço, uma espécie de acidente, quando as bactérias se recusaram retornar ao equilíbrio dinâmico (Margulis e Sagan, 2002b). O crescimento desenfreado e assustador associado ao câncer que toma conta do corpo de nossos familiares e amigos, é, na verdade, dizem Margulis e Sagan (2002a), o *modus operandi* da vida na T/terra que foi interrompido e reescrito pela sexualidade a um custo: o beijo da morte. É preciso fundir-se, vincular-se, para sobreviver. O que levou a estranheza, o sexo com estranhos, para dentro do funcionamento do coração da célula é resultado do testemunho da experimentação sexual entre bactérias. Do próprio Ruffié (1988) em um livro chamado *O sexo e a morte*, um dos poucos traduzido em português, que comprei em um sebo por um preço irrisório, percebi que havia grifado duas citações que dizem: “A sexualidade e a morte são, portanto, os dois pólos de um ciclo vital que forma, ao longo das gerações, uma longa cadeia cuja origem se perde na noite dos tempos” (p. 23); “O sexo e a morte são os dois atributos que pagamos ao progresso evolutivo. São dois fenômenos complementares, mas surpreendentemente contrastados. O primeiro ocorre na alegria, no prazer, na esperança; o segundo no sofrimento, no horror e no vazio” (p. 214).

Este encontro do sexo com a morte, conta Ruffié (1988), foi captado por Baudelaire – de quem Foucault (2015d), sabemos, extraiu a modernidade como atitude em relação ao seu tempo – e por toda uma literatura escrita por homossexuais e mulheres que nasceu, para ele, usando um vocabulário freudiano, de serem levados a sublimar seus impulsos diante da dificuldade generalizada de reconhecer que a conexão entre evolução e sexualidade não é sinônimo de reprodução e genitalidade. Não somente a biologia oferecia comprovação empírica de algo que há muito a literatura já mapeou, mas a literatura é um dispositivo evolutivo vital, através do qual as criaturas voltam do lado de lá, se multiplicam, se fazem falar, dão *seus olás*. A vida das criaturas infames conserva vestígios dessa história tortuosa e estranha, uma ontologia selvagem, rindo de um mundo sexual centrado na continuidade do humano no

tempo. Sua excepcionalidade reprodutiva é solapada: havia sexo antes do indivíduo.

O sexo nada mais é que recombinação e embaralhamento de informações, comunicação polimorfa e encarnada de ligações, moléculas e criaturas, tradução de sinais. O vínculo entre sexo e reprodução é contingente, disparam Margulis e Sagan (2002a). O que as bactérias e tantas outras criaturas infames fazem é mostrar que o “universo está permanentemente no cio” (Margulis e; Sagan, 2002a, p. 14), que um passado promíscuo continua a habitar a profundidade de nossas células. O estarrecedor marquês de Sade, afirmam a dupla, está em todas as partes dessa malha. Para ser franco, quando as narrativas de Sade são comparadas a histórias dessas criaturas, a vida sexual do Marquês soa enfadonha e monótona. Até as nossas mais desvairadas fantasias não raras são triviais. Sobre essa monotonia Steven Shaviro (1997), evocando a célebre citação de *As palavras e as coisas*, sugere:

Consideremos, por exemplo, o percevejo-de-cama, *Climex lectularius*, os machos dessa espécie copulam dando estocadas e fazendo perfurações no abdômen de seus companheiros de espécie. Cada cópula é uma ferida. As vítimas dessas agressões, tanto machos quanto fêmeas, ficam marcadas para sempre, e pelo resto da vida carregam em seu sistema circulatório os espermatozoides dos seus agressores. Como disse Howard Ensign Evans, ‘a imagem de um bando de percevejos-de-cama divertindo-se dessa maneira, enquanto aguardam seus banquetes de sangue – copulando com qualquer dos sexos e, ao mesmo tempo, alimentando uns aos outros com seu sêmen – faz Sodoma parecer tão pura quanto o Vaticano’. Nem Sade imaginou um cenário desses. Não há aí nada do culto californiano do eu! Nós, humanos, devemos dar graças por não sermos encarados pelos percevejos-de-cama como parceiros sexuais, mas apenas como alimento [...]. Não existe nenhuma linha divisória clara entre corpo e pensamento, ou a natureza e a cultura, assim como não há nenhuma entre a água e a terra. A linguagem e a sexualidade não são estruturas abstratas e límpidas que, há muito, as chamadas ciências do homem imaginam que sejam. São, antes, forças em contínua agitação de nosso corpo [...] essa é a marca do social, seja nos sapos, nos humanos, nas bactérias. Falar de cultura humana é basicamente o mesmo que falar de uma cultura de bactérias. Somente os que se deslumbram com os tipos móveis de Gutenberg ou com a imagem do Homem que se harmoniza com eles, poderiam imaginar outra coisa. Agora, porém, o Homem está à beira de desaparecer: está sendo apagado aos poucos [...]. (pp. 37-38)

Como Foucault (2015c) disse, nas primeiras palavras sobre *A lógica da vida*, “o saber não é feito para consolar: ele decepiona, inquieta, secciona, fere” (p. 267). E, ainda, a biologia molecular “não foi indulgente com tudo aquilo que

havíamos reunido a nossa volta para conjurar o imprevisível” (p. 267). As ciências biológicas já não podem mais ser boas.

8. Todo carnaval tem seu fim!

Quero concluir recolhendo outra citação conhecida de Foucault, desta vez, em *Nietzsche, a genealogia e a história*, de 1971:

A história será efetiva à medida que reintroduzir o descontínuo em nosso ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos, multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. Ela não deixará nada abaixo de si que teria tranquilidade asseguradora da vida ou da natureza; ela não se deixará levar por nenhuma obstinação muda em direção a um fim milenar. Ela aprofundará aquilo sobre o que se gosta de fazê-la repousar e se obstinará contra sua pretensa continuidade. É que o saber não é feito para compreender, é feito para cortar. (Foucault, 2013c, p. 72-73)

Sou seduzido pela ressonância com a abertura da resenha do livro *A lógica da vida*. Impregnada em mim uma pergunta: podemos usar as ferramentas que Foucault nos lançou para cortar os estratos do saber das ciências biológicas e, assim como escreveu em *A vida dos homens infames*, “do choque de palavras” (Foucault, 2015a, p. 202), fazer nascer um relato das ciências com “um certo efeito misto de beleza e terror” (p. 202)? De certo modo, estou me interrogando se que aquilo que podemos dizer que sabemos das bactérias ou mais amplamente das criaturas da Terra, em suas muitas formas perversas, não é deglutido, quase sempre, em nada mais do que um registro do seu “encontro com o poder” (Foucault, 2015a, p. 203). O que acontece às nossas histórias das práticas científicas da biologia se partíssemos, então, “em busca dessas espécies de partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto menores elas próprias o são, e difíceis de discernir” (p. 203)? Se enfim nós nos interessássemos pela “história minúscula” (p. 203) dessas criaturas infames? A tarefa de escrever as histórias minúsculas dessas carnes heterotópicas das criaturas infames, não as fantasiosas, mas as “histórias tornadas irreais e fantásticas” (Palmié, 2002, p. 97), tem como pré-requisitos acolher o fracasso e a prontidão para aceitar o caráter descontínuo, inacabado e provisório desse esforço, particularmente quando as relações de poder ocluem o próprio objeto dessas ciências.

Já falamos muito de biopoder, biopolítica, necropolítica. Há trabalhos dignos e esforçados nesse sentido; vários, sem dúvida, urgentes e necessários. Tenho dúvidas, contudo, se uma genealogia das ciências biológicas, hoje, está predestinada apenas a ampliar a tradição analítica. E se ao invés de afirmar o que o saber das ciências biológicas pode dizer do governo da vida no presente, perguntássemos se a crítica, o ensaio, a pesquisa podem nos trazer a inquietação,

A vida das criaturas infames. O grau zero da natureza

Thiago Ranniery

a instabilidade que Foucault conclamou na famosa entrevista, *O filósofo mascarado*, e, quem sabe, ter como horizonte mais produzir biohistórias do que falar sobre as histórias das ciências biológicas.

Não posso me impedir de pensar em uma crítica que não procuraria julgar, mas procuraria fazer existir uma obra, um livro, uma frase, uma ideia; ela acenderia fogos, olharia a grama crescer, escutaria o vento e tentaria apreender o voo da espuma para semeá-la. Ela multiplicaria, não os julgamentos, mas sinais de existência; ela os provocaria, os tiraria do seu sono. Às vezes, ela inventaria? Tanto melhor, tanto melhor. A crítica por sentença me faz dormir. Eu adoraria uma crítica por lampejos imaginativos. Ela não seria soberana, nem vestida de vermelho. Ela trataria a fulguração das tempestades possíveis. (Foucault, 2015e, p. 317)

Fogo, grama, vento, espuma do mar, tempestade, água... E se tudo isso não for exatamente metafórico ou alegórico? Que se faça notar: em um minúsculo ensaio sobre a água, Foucault (2019b) nota uma mutação, na qual a loucura, na modernidade, “deixou de ter um parentesco aquático e passou a ter um parentesco afim com a fumaça” (p. 209). Seria um eco de Foucault de um dos mais impressionantes capítulos de *A queda do céu*, quando Davi Kopenawa (2018) descreve que aquilo que o povo da mercadoria faz é exatamente fumaça – “fumaça do ouro”, “fumaça das epidemias”, “fumaça do fogo”, “fumaça do metal”? Pode, então, nossa tarefa da crítica arrancar essas criaturas e forças, hoje, infames do nosso sono humanista e trazê-las consigo, fazê-las multiplicar, escutá-las, ler seus sinais, escutar seus soluços, se deixar tomar por elas? Como uma parte dos adolescentes da minha geração, cresci viciado na banda *Los Hermanos*. É um pouco como na música *Santa Chuva* de Marcelo Camelo. Talvez a chuva não seja mais santa, mas o enunciado, de alguma forma, pode “diagnosticar o estado do pensamento” (Foucault, 2015f, p. 36). A música entoava: *vai chover, de novo deu na tv/que povo já se cansou/ de tanto o céu desabar e pede a um santo daqui/ Que reza ajuda de Deus, mas nada pode fazer. [...] Meu coração vai se entregar à tempestade.*

Bibliografia

Benjamin, W. (2006). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

Butler, J. (2019). *Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo*. São Paulo: n-1 Edições.

Cadden, J. (2017). *Nothing Natural Is Shameful: Sodomy and Science in Late Medieval Europe*. Filadelfia: University of Pennsylvania Press.

A vida das criaturas infames. O grau zero da natureza

Thiago Ranniery

Condé, M. L. (2017). *Um papel para a história: o problema da historicidade da ciência*. Curitiba: ED. UFPR.

Chrulew, M. e Wadiwel, D. (2016). (Orgs). *Foucault and Animals*. Leiden: Brill.

Deleuze, G. e Guattari, F. (2011). *Mil platôs*. Volume I. São Paulo: Editora 34.

Enzensberger, H. M. (1976). *Mausoleum: Thirty-seven Ballads from the History of Progress*. Nova York: Urizen Books.

Enzensberger, H. M. (1995). *Guerra Civil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Fischer, R. M. B. (2012). *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica.

Foucault, M. (2001a). O que é um autor? In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e Escritos, volume III: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (pp. 264-298). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2001b). O pensamento exterior. In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e Escritos, volume III: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (pp. 219-242). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2007). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2012). *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Foucault, M. (2013a). *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.

Foucault, M. (2013b). A força de fugir. In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume VI: Repensar a política* (99. 82-86). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2013c). Nietzsche, a genealogia e a história. In: Machado, R. (Org.). *Microfísica do poder* (pp. 55-86). São Paulo: Graal.

Foucault, M. (2015a). A vida dos homens infames. In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume IV: estratégia poder-saber* (pp. 199-217). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2015b). A posição de Cuvier na História da Biologia. In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume II: Arqueologia das Ciências Humanas e História dos Sistemas de Pensamento* (pp. 200-240). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

A vida das criaturas infames. O grau zero da natureza

Thiago Ranniery

- Foucault, M. (2015c). Crescer e multiplicar. In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume II: Arqueologia das Ciências Humanas e História dos Sistemas de Pensamento* (pp. 267-272). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2015d). O Que São as Luzes? In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume II: Arqueologia das Ciências Humanas e História dos Sistemas de Pensamento* (pp. 351-369). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2015e). O filósofo mascarado. In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume II: Arqueologia das Ciências Humanas e História dos Sistemas de Pensamento* (pp. 314-321). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2015f). O que é um filósofo?. In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume II: Arqueologia das Ciências Humanas e História dos Sistemas de Pensamento* (pp. 35-36). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2016a). Conversa com Werner Schroeter. In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume VII: Arte, epistemologia, Filosofia e História da Medicina* (pp. 102-114). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2016b). O homem está morto? In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume VII: Arte, epistemologia, Filosofia e História da Medicina* (pp. 151-156). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2016c). Bio-história e biopolítica. In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume VII: Arte, epistemologia, filosofia e história da medicina* (pp. 399-401). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Foucault, M. (2019a). *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva.
- Foucault, M. (2019b). A água e a loucura. In: Motta, M. B. (Org.). *Ditos e escritos, volume I: Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise* (pp. 205-210). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Frost, S. (2016). *Biocultural Creatures: Toward a New Theory of the Human*. Durham: Duke University Press.
- Halberstam, J. (2012). *Gaga Feminism: Sex, Gender, and the end of Normal*. Boston: Beacon Press.
- Halberstam, J. (2020). *Wild Things: The Disorder of Desire*. Durham: Duke University Press.
- Halberstam, J. (2023). *Trans*: uma abordagem curta e rápida sobre a variabilidade de gênero*. Salvador: Editora Devires.

A vida das criaturas infames. O grau zero da natureza

Thiago Ranniery

Halperin, D. (1990). *One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Love*. New York: Routledge.

Halperin, D. (1995). *Saint Foucault: towards a gay hagiography*. Nova York: New York University Press.

Handke, P. (1988). *O medo do goleiro diante do pênalti*. São Paulo: Brasiliense.

Hebert, P. (2024). Dylan, Doonesbury, and Me. *Reading Doonesbury*. Disponível em:
<https://readingdoonesbury.com/2024/03/19/4169/>.

Huot, C. (2016). Chinese Dogs and French Scapegoats: An Essay in Zoonomastics. In: Chrulew, M.e Wadiwel, D. (Orgs). *Foucault and Animals* (pp. 37-58). Leiden: Brill.

Jacob, F. (1983). *A lógica da vida: uma história de hereditariedade*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Jacob, F. (1988a). *O jogo dos possíveis: ensaio sobre a diversidade do mundo vivo*. Lisboa: Gradiva.

Jacob F. (1988b). *The statue within: an autobiography*. New York: Cold Spring Harbor Laboratory Press.

Jacob, F. (1998). *O rato, a mosca e o homem*. São Paulo: Companhia das Letras.

Kahan, B. (2019). *The Book of Minor Perverts: Sexology, Etiology, and the Emergences of Sexuality*. Chicago: University of Chicago.

Keck, F. (2020). *Avian Reservoirs: Virus Hunters & Birdwatchers in Chinese Sentinel Posts*. Durham: Duke University Press.

Kohn, E. (2013). *How forests think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press.

Kopenawa, D. (2018). *A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.

Latour, B. (2001). *A esperança de Pandora*. Bauru: EDUSC.

Levi-Strauss, C. (1989). *O pensamento selvagem*. São Paulo: Papirus.

Lispector, C. (1999). *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco.

A vida das criaturas infames. O grau zero da natureza

Thiago Ranniery

- Maia, C. A. (2013). *História das Ciências: uma história de historiadores ausentes – pré condições para o aparecimento dos science studies*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Margulis, L. e Sagan, D. (2002a). *O que é sexo?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Margulis, L. e Sagan, D. (2002b). *O que é a vida?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- McKinnon, S. (2021). *Genética neoliberal: uma crítica antropológica da psicologia evolucionista*. São Paulo: Ubu Editora.
- Montaigne, M. (2000). *Os ensaios*. Livro I. São Paulo: Martins Fontes.
- Palmié, S. (2002). *Wizards and Scientists: Explorations in Afro-Cuban Modernity and Tradition*. Durham: Duke University Press.
- Portocarrero, V. (2009). *As ciências da vida: de Canguilhem a Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Preciado, P. (2014). *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições.
- Rabinow, P. (1996). *Making PCR: a Story of Biotechnology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Rago, M. (1995). O efeito-Foucault na historiografia brasileira. *Tempo Social*, 7(1-2), 67-82.
- Rose, N. (2013). *A política da própria vida: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI*. São Paulo: Paulus.
- Rose, N. (2017). Políticas da própria vida e o futuro das práticas médicas. *Interface*, 21(60), 221-30.
- Ruffié, J. (1988). *O sexo e a morte*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ruffié, J. (1993a). *De la biologie à la culture I*. Premier volumen. Paris: Flammarion.
- Ruffié, J. (1993b). *De la biologie à la culture II*. Deuxième volumen. Paris: Flammarion
- Sedgwick, E. K. (1992). *Epistemology of the Closet*. Berkeley: University of California.
- Shaviro, S. (1997). *Doom Patrols: A Theoretical Fiction about Postmodernism*. Nova York: Serpent's Tail.
- Stevens, H. (2013). *Life Out of Sequence: A Data-Driven History of Bioinformatics*. Chicago: University of Chicago Press.

A vida das criaturas infames. O grau zero da natureza

Thiago Ranniery

Tortorici, Zeb. (2018). *Sins against Nature: Sex and Archives in Colonial New Spain*. Durham.: Duke University Press.

Veyne, Paul. (1982). *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Wade, S. (2019). *Foucault in California: wherein the great French philosopher drops acid in the Valley of Death – a true story*. Berkley: Heyday Books.

THIAGO RANNIERY

Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação. Coordenador do PPGE/UFRJ. Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Sergipe com Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Pós-Doutorando Júnior com bolsa do CNPq (UERJ, 2017-2018). Jovem Cientista Nosso Estado da FAPERJ desde 2018 (2018-2021/2022-2025). Pesquisador Produtividade do CNPq Nível 2 desde 2022. Coordenador do Laboratório de Estudos Queers em Educação na UFRJ. Líder Pesquisador do BAFO! Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo, Ética e Diferença na UFRJ.